

## O BICHO DA CARNERA

Carolina Antunes

Pretende-se, neste trabalho, enfatizar o papel mediador de *O bicho da carnera*, *O bicho de Pedra Azul* ou *O bicho de Fortaleza*, história fantástica que transita no Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais e no sul da Bahia. Ora conduzindo ao encantamento, ora incitando ao medo, essa história se identifica como elemento de construção de valores não só possibilitando trocas e transferências interculturais como também estimulando o encontro das diferenças.

*O bicho da carnera*, permanentemente reinventado por meio de uma nova linguagem e visto a partir e além de sua materialidade, permite que se capture a vida latente que emana dele. Por isso é que, em tempos e espaços diferenciados pelos quais esse conto circula, elementos comuns vão sendo moldados, trazendo a percepção de que os homens se apresentam e representam nas suas relações sociais. É, pois, através do imaginário social, entendido como sistema simbólico, que as sociedades se vêem instituídas como produtos do homem, ou melhor, se percebem, se encontram, se dão uma identidade.

Sabe-se que, nesse processo, contar histórias é uma prática discursiva que integra um conjunto de conhecimentos heterogêneos que formam os saberes populares. Nesse sentido, *O bicho da carnera* não só marca um domínio territorial, no caso, O Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais, como também o sociopolítico, o da cultura popular.

Possibilitador de uma relação dinâmica do legado do passado e da tradição com a modernidade, essa história, nas suas diversas versões, transmitidas de boca em boca pela cadeia da fala, traz, paralelamente a esses elementos comuns, novas e diversas significações, apresentando marcas internas de a cultura do Vale do Jequitinhonha ler, representar e re-apresentar o mundo. Por conseguinte, essa região pode ser vista como um constructo

valorizado como espaço de inscrição de um passado histórico ou de uma memória coletiva; como símbolo de identidade socioterritorial dentre outros.

Assim, ler *O bicho da carnera* é, também, ler o Vale do Jequitinhonha, encarando essa região pela boca do povo: espaço ímpar para se colocar em diálogo diferentes discursos e saberes. Isso equivale a dizer que, aqui, o elemento cultural popular, representado pelo conto em questão, não prega a preservação do genuíno; antes e, sobretudo, enfatiza a atualização e a subversão da tradição. A narrativa não só dialoga com a realidade social imediata, mas ainda a reconstrói, acrescentando-lhe novos sentidos.

Fortaleza e Pedra Azul: um nome antigo e outro atual de um mesmo sítio – Pedra Azul – município do Baixo Jequitinhonha; carnera: tumba, jazigo, onde “repousaria” a alma eternamente penada que está, inexoravelmente, se metamorfoseando em bicho.

Seja “de Fortaleza”, seja “de Pedra Azul”, seja “da carnera”, “o bicho” é o protagonista de inúmeras versões de uma mesma história que se constitui como fator de interação e elemento de resistência cultural. Nessa história, a personagem principal, por sua insubmissão à mãe e/ou por seu desrespeito ao padre, os quais lhe chamam a atenção e dele recebem maus tratos, é amaldiçoado por eles e, por isso, depois de morto, não alcança a salvação.

Veja-se que, no Vale do Jequitinhonha, se, de um lado, pai/mãe simbolizam a autoridade, a ordem, de outro, o jovem, seja do sexo masculino, seja do sexo feminino, é idealizado como obediente e respeitador, condições para sua aceitação e êxito social e, conseqüentemente, para constituir-se como herói da narrativa. É importante mencionar, portanto, que nas diversas versões desse conto, a desobediência e o desrespeito ao pai/sistema são reiterativos e remetem, no plano moral, à configuração de uma pessoa em ruptura na sociedade da terra e, conseqüentemente, em ruptura, também, na sociedade dos mortos. Nesse conto, a sina a que está sujeita a alma do jovem remete à importância de se respeitar à mãe, ao

mais velho, à autoridade religiosa, o que é fundamental, como já se mencionou, na estrutura familiar e social da região.

O bicho habita o túmulo e o imaginário de Itaobim, Joáima, Pedra Azul, Rubim, Turmalina e outras cidades do Vale do Jequitinhonha e do sul da Bahia. Transforma-se em bicho cabeludo, cachorro, porco, burro – de porte descomunal – que assombra as pessoas, rouba-lhes a despensa e devora seu gado.<sup>1</sup>

O porte descomunal e as atitudes praticadas pelo bicho/alma como invadir, roubar, devorar – para saciar uma fome que não se acaba nunca – permitem a visualização de um ser quase mítico, mas cujo comportamento, representando uma transgressão múltipla dos códigos prevalentes na sociedade dos vivos, coloca-o na marginalidade. Assim, apesar do impacto e do encantamento advindo das metamorfoses e da naturalidade de seu comportamento dentro da narrativa, a alma/bicho assume para muitos que narram ou escutam a história o estatuto de anti-herói. Note-se que muitas pessoas nem gostam de falar do bicho, contar a sua história que, freqüentemente, provoca medo, pavor, como atestam as palavras de Maria do Ipê, uma contadora de Rubim: “Um dia... a gente aqui no Rubim tinha muito medo do bicho de Fortaleza, medo mesmo, num sabe?”<sup>2</sup>

Entretanto, versões mais recentes dessa história apresentam um protagonista misterioso na forma de carro importado sem farol ou de um jovem sedutor, louro e de olhos azuis, que, indo a festas, a todos ludibria, deixando donzelas desvirginadas, mulheres casadas seduzidas e abandonadas e contas sem pagar.

Nesta última versão, o bicho do Jequitinhonha se assemelha ao boto, duende das águas amazônicas, que, também, aparece com características humanas e se utiliza de seus poderes mágicos para envolver as mulheres. Como o boto, o bicho seduz e domina pelo encanto. Já,

---

<sup>1</sup> ANTUNES, Carolina. *Movimentos da Vale: corpo e narrativa*. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

<sup>2</sup> *O bicho de Fortaleza*, conto do acervo do projeto *Quem conta um conto aumenta um conto*. Fale/UFMG.

naquela primeira versão, a história ilustra o imbricamento entre tradição e modernidade, mostrando que a memória revisita fatos, tradições e cultura. As imagens retomadas propiciam a mediação do contador/narrador que, no seu ato de fala, aumenta um ponto no conto já contado, alargando as margens do presente.

Nesse sentido, pode-se dizer que ele emprega estratégias discursivas, dramatizando os acontecimentos narrados, conduzindo à obtenção de efeitos variados, mas sem nenhuma incompatibilidade com a convenção de veracidade. Eu diria que esse relato híbrido invoca, em primeiro lugar, essa convenção. Como nas histórias de assombração, em *O bicho da carnera*, está sempre presente uma série de referentes que levam a um provável enunciador original ou a fatos, acontecimentos, legitimando a veracidade daquilo que é narrado e a autoridade do narrador, o que pode ser confirmado pelo seguinte trecho de uma das versões de *O bicho da carnera*.<sup>3</sup>

*A família dele [do bicho] num gosta que a gente conta, num sabe? A família é muito grande, toda riquíssima; intão num gosta que a gente conta essa história: diz que ele era muito ruim, que batia na mãe dele. Era um moço da família Antunes, aí a mãe dele ixcumungô ele; eu vi falano assim, que ixcumungô, uma praga que jogô nele... aí ele ficô, né? Morreu e virô bicho.*

Em segundo lugar, o contador faz fluir a narrativa, provocando o rompimento das fronteiras discursivas entre história/realidade e literatura/ficção. Como texto híbrido, essa história relativiza fronteiras entre um discurso que se apoiaria numa visão racional, constatável e objetiva e um discurso embasado em elementos da imaginação e da sensibilidade, possibilitando, pois, reflexões sobre os discursos da história e da literatura, suas aproximações e distanciamentos.

Outras reflexões podem advir de *O bicho da carnera*, que, por meio da realidade do conto maravilhoso ou de encantamento, faz pensar em literatura oral e narrativa popular e,

---

<sup>3</sup> *O bicho de Fortaleza*, conto do acervo do projeto *Quem conta um conto aumenta um ponto*. Fale/UFGM.

ainda, conforme Derrida e Bhabha,<sup>4</sup> na discussão de um outro projeto de nação a partir das margens, em que, na performance da narrativa, o *povo* se faz presente e se identifica.

Nesse tipo de narrativa, vai-se ao encontro de memórias individuais, lembranças reelaboradas, inventadas, que fazem parte de uma coletividade, mas que são reformuladas e atualizadas por um sujeito. Nas diversas versões desse conto, o sujeito da narrativa, o narrador em performance, conduz à fascinação, mostrando que a alma penada, o bicho, não apenas tem, cada vez mais, uma convivência harmônica com os vivos do Vale do Jequitinhonha – convivência acima da praticidade das relações corriqueiras do dia-a-dia –, mas também, concomitantemente, divulgando a memória regional e enunciando a diferença.

Além disso, é importante, considerando a oralidade como troca e interação, enfatizar essa história como possibilitadora de encontros e diálogos, inclusive entre os da família do bicho, que, orgulhosamente, promovem momentos de confraternização. No encontro – “Antunes recebe Antunes” –, a tradição e a modernidade caminham juntas, promovendo a festa.

*O bicho da carnera* ratifica, enfim, que a enunciação da diferença cultural problematiza qualquer tentativa de divisão binária entre a tradição e a modernidade, o passado e o presente. Assim, o que parece mais viável é que,

*na relação com a tradição, o que importa é aquilo que vamos acrescentar de nós mesmos no processo de releitura e subversão da mesma. Talvez seja esta a sua única forma de sobrevivência: a necessidade da traição, para que a tradição possa continuar viva.*<sup>5</sup>

Voz da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, essa história nos leva, conforme reza Paul Zhumtor, “a tocar as coisas”.<sup>6</sup> Viva, pois, *O bicho da carnera*!

---

<sup>4</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

<sup>5</sup> PENALVA, Gilson. *Literatura oral no sudeste paraense: memórias de velhos camponeses*. 2002. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte. p. 65.

<sup>6</sup> ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. Amália Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 30.